



ADAPTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REAÇÕES DAS CRIANÇAS DURANTE O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

DIAS, B.S.;¹

OLIVEIRA, G.F.;²

SIRINO, M.S.;³

FERRAZ, R.C.S. N.;⁴

RESUMO

O presente estudo é um relato de experiência vivenciado em uma Instituição de Educação Infantil da rede privada no município de Itapetinga-Bahia com o objetivo de compreender como acontece o processo de adaptação das crianças no ambiente escolar. Esse interesse de investigar o período de adaptação no processo educativo surgiu, a partir de momentos em que foram observadas diferentes reações das crianças durante o início do período letivo da referida escola. A partir das observações e leituras sobre o tema, concluiu-se que o processo de adaptação é contínuo e vai além do início do ano letivo, o qual pode ser, para criança, tanto quanto prazeroso. Assim, faz-se importante criar vínculos de afeto e confiança integrando essas crianças ao grupo no qual estão inseridas para auxiliar o sucesso desse momento tão importante na vida da criança.

Palavras-chave: Adaptação. Criança. Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

A primeira vez de uma criança na sala de aula ou o retorno dela após o período de férias traz consigo uma explosão de sentimentos. Na escola ela vai descobrir-se, perceber quem é e o lugar que ocupa no meio em que vive. Encontrará um mundo de

¹ Graduanda do VII semestre do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: beat-rizdias@outlook.com

² Graduanda em do VI semestre do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: geilianaferreira@yahoo.com

³ Graduanda do VII semestre do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: marisantos203@yahoo.com

⁴ Professora Doutora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. E-mail: ritaksouza@hotmail.com



novas possibilidades e uma vez que esse indivíduo se adapta ao novo ambiente, terá melhores condições de reagir bem a essa nova etapa da sua vida.

É característica dos seres vivos e do comportamento humano se adaptar ao meio para sobreviver, como afirma Kamii e Deveries (1991, p. 16) com base na perspectiva biológica de Piaget: “A adaptação é importante para todos os seres vivos, porque quando um indivíduo cessa de se adaptar ao seu meio, simplesmente morre”. E complementa enfatizando que inteligência e conhecimento fazem parte do processo de adaptação biológica.

Sendo assim, essa etapa do desenvolvimento da criança não deve ser ignorada. Inicia-se, dessa forma um processo de mudança e renovação na vida da delas, do professor e da família. A escola deve ser um lugar de acolhida onde os indivíduos se sintam à vontade e encontrem condições de estabelecer elos de confiança com o professor e os demais funcionários.

Esse relato deu-se a partir de uma experiência profissional em uma escola de Educação Infantil da rede privada, na qual se buscou compreender como acontece o processo de adaptação das crianças no ambiente escolar. Esse interesse em investigar o período de adaptação no processo educativo, surgiu a partir de momentos em que se observaram as diferentes reações das crianças durante o início do período letivo na referida escola.

O PAPEL DOS PAIS E DA ESCOLA NA ADAPTAÇÃO ESCOLAR

Por muito tempo, a adaptação tinha seu momento e espaço definidos pela escola como um método utilizado para que a criança parasse de chorar. Contudo, banalizar a adaptação como processo de choro é ignorar outros sinais, conforme Borges (2002, p. 32), quando afirma que as crianças apresentam outros sintomas como doenças, regressões, alterações de comportamento, entre outros.

Novaes (1975) conceitua a adaptação como “processo unitário e total das funções psíquicas que evidencia pelo esforço significativamente coerente da personalidade na determinação de sua conduta, estabelecendo relações afetivas com o meio”, além de definir a adaptação como um processo pelo qual o organismo se



modifica para responder às condições que o ambiente apresenta (PORUT apud NOVAES, 1975, p. 18).

O professor deve exercer o papel de um facilitador e auxiliar esse aluno que ingressa a escola pela primeira vez, ou está mudando de série, da forma mais aprazível possível com jogos, brincadeiras e atividades lúdicas, tornando a situação e o espaço o mais acolhedor possível para a criança. Segundo Davini (1999 p.45) “a intensidade com que cada um vai experimentar, ou a forma como vai atravessar esse período, vai depender dos aspectos particulares de cada personalidade participante do processo e, também, da dinâmica familiar”.

Dessa forma, o diálogo dos professores com a família ganha destaque no desenvolvimento emocional da criança, podendo esta ser encorajada a tornar-se parcialmente autônoma em relação à dependência dos adultos, a aprender a resolver conflitos, a ser curiosa, a confiar em si mesma e a exprimir suas ideias, medos e angústias. Tudo isso sem perder o controle e o cuidado para com as mesmas.

Educar é possibilitar que a criança possa construir e transformar seu próprio modo de pensar; cabe ao professor a responsabilidade de guiá-lo por esse caminho fascinante de descobertas e aprendizados. É com cuidado e atenção que as crianças do maternal devem ser englobadas, pensando a educação transmitida a elas como meio de promover a vida, construir o seu físico e, acima de tudo, um ser pensante capaz de criar, transformar, renovar e descobrir.

A escola deve moldar sua didática em favor dos interesses da criança por meio de experiências prazerosas que exigem sem muita dificuldade o envolvimento da afetividade, pois sem afeto nada fluirá espontaneamente. Saltine (2008, p. 57) aponta que:

[...] precisamos nos referir também e sempre, à emoção, às ligações e às inter-relações afetivas. Seria impossível entender o desenvolvimento integrado e convergente cada vez maior de nossos interesses e amores por aquilo que olhamos, tocamos e que nos alimenta a curiosidade.

A interação professor e aluno se dão o tempo todo; essa ligação afetiva ajuda na construção do conhecimento. As crianças necessitam de amor, aceitação e acolhimento para que se despertem para a aprendizagem, por isso necessitam encontrar na sala de



aula objetos, atividades e jogos que sirvam aos seus interesses, ou seja, que lhes atraiam.

O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO: relato

A escola onde desenvolveu a observação cumpriu com todos os aspectos citados, levando em conta que a criança, nos primeiros dias de adaptação, necessita de horários reduzidos e atividades diferenciadas. A observação da adaptação foi realizada com oito crianças com idade média de dois e três anos, das quais três repetiram o maternal pela segunda vez por não possuírem idade suficiente para avançar para o jardim I.

Novaes (1975) afirma que “as formas de adaptação ao meio são individuais e tendem a envolver reciprocidade a esse processo, podendo espelhar sentimentos de ansiedade conflitos e tensões” (p.18), o que pode ser evidenciado na reação das crianças do maternal durante o processo de adaptação. As crianças que já estavam no maternal pelo segundo ano consecutivo foram identificadas como criança 1, 2 e 3.

A criança 1 é um menino, com idade de três anos, que, apesar de não desenvolver completamente a fala, conseguiu aprender os conteúdos do maternal e os reproduzia perfeitamente quando lhe era perguntado. Seu comportamento durante os três primeiros dias foram semelhantes ao comportamento de uma criança que já estava adaptada ao meio escolar, porém, a partir do quarto dia, começou a demonstrar um comportamento agressivo, o qual já havia sido identificado pela professora do ano anterior, além de chorar para não se separar da mãe. A criança 2 e a 3, meninas, demonstram reações semelhantes; conviviam com os demais colegas sem muitos conflitos. Durante o período de observação não demonstraram nenhuma aversão para permanecer na escola.

As crianças 4, 5, 6 e 7, três meninos e uma menina respectivamente, em algum momento do processo, choravam com saudades da mãe e/ou pai e demonstraram vontade em ir para casa. A criança 4 durante a primeira semana de aula, encarava a escola com muita alegria, sendo comunicativo e sempre brincando com os colegas. Um tempo depois, ele passou a chorar sempre que tinha contato com alguma pessoa que não fosse a professora ou a auxiliar de sala; sempre alegava querer ver os pais e questionava a demora do pai em ir buscá-lo. A criança 5 que possuía parentesco com a criança 4,



reagiu bem ao novo ambiente, chorando apenas ao perceber que já era a hora de o pai apanhá-lo na escola. Em decorrência da ligação dos dois, na hora de ir embora, era preciso separá-los para que um não visse o outro ir embora, evitando-se assim o sentimento de abandono, solidão e amenizando a saudade. A criança 6 adaptou-se bem à escola, chorando apenas por um dia; nesse dia manifestou não querer ir à escola. Após, o episódio não ouve choro e nem birras. A criança 7, chorava toda vez que algum colega tocava nela, batia ou tomava algum brinquedo de suas mãos, chorava por saudade da mãe sempre que se lembrava dela; essa última se repetiu durante todos os dias durante dois meses.

A criança 8 possuía dois anos de idade e apresentava dificuldades para se comunicar com os demais colegas do maternal e de outros níveis escolares. Por não possuir total aquisição da fala, ele usava a agressividade para chamar a atenção dos colegas. Em relação a esse comportamento agressivo da criança pequena Dolto (1981) afirma: “Percebemos que, quando a criança não está em comunicação mímica cúmplice com o adulto e em comunicação verbalizada, ela é violenta, fica cada vez mais violenta até o dia em que chega a linguagem” (p.171). Dessa forma, essa agressão é vista como uma forma de contato e não algo maldoso, mesmo que isso faça a criança agredida chorar. Tal comportamento fez com que, em muitos momentos, os colegas se afastassem dele e, por vezes, chegassem a fazer perguntas à professora como “Por que a criança 8 veio à escola?” “Por que a criança 8 bate?” “Por que a criança 8 morde e belisca?”, além de rejeitar a presença dele em certas brincadeiras. Esse comportamento durante esses dois meses apresentou melhoras, contudo ele ainda continuava a “agredir” os colegas, o que tornava a convivência um pouco complicada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de adaptação é contínuo, ou seja, vai além do começo do ano letivo, pois também pode ser bastante doloroso para a criança. Dessa forma, é importante a criação de vínculos de afeto e confiança integrando essas crianças ao grupo no qual estão inseridas para auxiliar nesse desenvolvimento da melhor forma possível, sobretudo a necessidade de se rever as práticas pedagógicas aplicadas durante esse processo de adaptação de crianças pequenas no ambiente escolar.



Destaca-se também a importância que há em manter um vínculo de parceria com a família por estar sempre em posição de desconforto ao deixar seu filho na escola. A entrada da criança na escola precisa ser pensada com muito cuidado pelos educadores, pois se configura também como um momento de separação de seus pais. Se a adaptação for feita da maneira adequada a permanência da criança na instituição de Educação Infantil tende a ser tranquila, o que colabora também para o seu crescimento afetivo, motor, cognitivo e social.

REFERÊNCIAS

BORGES, M. F. S. T.; SOUZA, R. C. de (org.) **A práxis na formação de educadores de educação infantil**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

KAMII, C.; DEVRIESER, H. **Piaget para a educação pré-escolar**. Trad. Maria Alice BadeDanese – Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e Inteligência**. 5 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2008.

NOVAES, M. H. **Adaptação Escolar**. Ed. Vozes, Petrópolis, 1975.